

Marie Claire, 21 de agosto de 2020

Haverá um “novo normal”?

A crise do novo coronavírus balançou os modos de vida. Não há setor que tenha passado ileso por ela. Logo no início do isolamento social, manchetes e pensadores lançaram a ideia de um "novo normal", em que a humanidade alterasse a rota e fosse rumo a um futuro mais sustentável, com menos desigualdade e, por que não, mais empatia. Mas é mesmo realista um mundo pós-pandemia nesses moldes? Ailton Krenak, Esther Dwek, Silvio Almeida, Debora Diniz e Christian Dunker respondem

Por: Manuela Azenha

Já são 5 meses desde que a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que o planeta viveria a pandemia de Covid-19. No Brasil, até agora, passamos dos cento e onze mil mortos pelo novo coronavírus, mais da metade da população se encontra desempregada e o número de queimadas no estado do Amazonas cresceu 51,7% no 1º semestre de 2020, batendo recorde dos últimos quatro anos – o dado é do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe).

Em outra instância, as violências de gênero nunca foram tão escancaradas. Embora os homens representem entre 60% e 80% dos mortos pela Covid-19, mulheres estão mais expostas ao risco de contaminação e às vulnerabilidades sociais decorrentes da crise, como desemprego, violência, falta de acesso aos serviços de saúde e aumento da pobreza.

A pandemia balançou os modos de vida. Não há setor – e falamos então não apenas a nível nacional, mas global – que tenha passado ileso por ela. Logo no início do isolamento social, manchetes e pensadores lançaram a ideia de um "novo normal", em que a humanidade alterasse a rota e fosse rumo a um futuro mais sustentável, com menos desigualdades e, por que não, mais empatia.

Mas é realista um mundo pós-pandemia nesses moldes? Do abismo em que estamos tiraremos alguma lição? Haverá mesmo um "novo normal"? Ailton

Krenak, Esther Dwek, Silvio Almeida, Debora Diniz e Christian Dunker respondem.

"O conceito de um 'novo normal' é uma piada indecente"

Ailton Krenak, uma das mais importantes lideranças indígenas do país, diz que o conceito de um "novo normal" é uma "piada indecente": "Deve ter sido inventado por algum publicitário pilantra ou por um comediante. A rachadura só vai ficar maior e vamos cair lá dentro. Nós humanos temos essa arrogância de acharmos que amanhã estaremos vivos. Não temos certeza de que terá um amanhã e muito menos que ele terá alguma semelhança com a normalidade. A gente pode estar desabando num abismo sem fim e sem comparação com nada que a gente já viveu. O Bill Gates está falando na possibilidade do fim da humanidade. Ele não é nenhum oráculo meu, só o cito porque as pessoas me lêem e pensam que é só um índio falando isso".

Segundo Ailton, com as mudanças climáticas podemos ser "flagelados por situações de violência e desequilíbrio até destruímos a base que conhecemos como a civilização. Podemos virar um monte de pessoas traumatizadas, desmazeladas, perdidas, perambulando pelo planeta feito zumbis. Famélicos, ferrados e sem nada. Com acidentes nucleares, derramamento de matéria química, produtos que envenenam a água e o ar, estamos em franca erosão do planeta e da biodiversidade. O planeta pode matar todo mundo e não faz diferença nenhuma para o planeta. Gaia, que é a Mãe Terra, não tem compaixão, compaixão é coisa de humanos - alguns humanos".

Ele continua: "A burrice das pessoas me dá tristeza. A nossa mãe natureza está dizendo 'cala a boca, fica quieto'. E a gente jogando merda na parede, bagunçando tudo. Os nossos rios viraram esgotos, nossas florestas estão queimando, as cinzas caindo na nossa cabeça e os líderes imbecis vêm a público dizer que estamos bem. Estamos ferrados".

"A pandemia não é aleatória, ela tem a ver com a maneira que lidamos com mundo"

Segundo a economista Esther Dwek, professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), as lições a serem tiradas do que vivenciamos na pandemia são muitas, mas ela duvida que no Brasil serão de fato aplicadas.

"A pandemia não é aleatória, ela tem a ver com a maneira que lidamos com mundo, com a questão ambiental. Isso reforça a necessidade de repensarmos o nosso padrão de desenvolvimento. Não haverá 'novo normal' sem passarmos por isso", diz ela.

"Também ficou clara a importância da atuação do Estado, e para além do momento de crise. O neoliberalismo e a política de austeridade foram colocados em xeque. Nos países em que o Estado foi diminuído, não conseguiram responder rapidamente à pandemia, como Brasil, Estados Unidos e Inglaterra. Para aumentar a capacidade estatal, o Estado precisa estar o tempo inteiro em sintonia com a demanda da sociedade. Não dá para de repente pensar num sistema de saúde, num mecanismo de transferência de renda, por exemplo. Mas verdade seja dita, o SUS foi muito reconhecido, inclusive por um governo que não valoriza o sistema público, e pela sociedade também", acrescenta.

A chamada "economia do cuidado" ganhou destaque na pandemia, segundo Esther - especialmente com o fechamento das escolas. "As pessoas se viram na necessidade de cuidar ainda mais das crianças e há um recorte de gênero bem claro no percentual de mulheres que trabalham na rede de cuidados e nos serviços domésticos não remunerados. É muito desigual. É necessário e urgente ampliar o número de creches para que mulheres possam fazer parte do mercado de trabalho, assim como garantir condições iguais de salário. Se fizermos o recorte de raça a situação fica ainda pior: a mulher negra é a mais prejudicada. O Brasil teve dois recordes muito tristes: número de mortes de pessoas na área de saúde, em grande parte ocupada por mulheres, e de grávidas", diz.

Sobre a perspectiva de mudança nas políticas econômicas, Esther diz que a tendência é que o Brasil continue com as políticas de desmonte do Estado pelos próximos anos. "O teto de gastos é a pior política fiscal do mundo. Ela reduz o tamanho do Estado brasileiro, que já é relativamente pequeno diante do que a Constituição prevê como direitos sociais garantidos. O volume gasto por cidadão é muito menor do que é gasto na Europa e Estados Unidos. A qualidade desses serviços ainda é baixa, e com o teto

ocorre uma redução sequencial de áreas como saúde e educação, ciência e tecnologia, cultura e direito agrário. Isso é grave porque o país não é capaz de reduzir desigualdade, de induzir o desenvolvimento econômico produtivo e tecnológico e nem de gerar crescimento econômico", argumenta.

"Tudo aponta para uma transformação, uma mudança social que é irrefreável"

Silvio Almeida, advogado, filósofo, professor da Fundação Getúlio Vargas e da Universidade Presbiteriana Mackenzie, e presidente do Instituto Luiz Gama, considera que estamos vivendo uma encruzilhada da história: mudamos de direção ou então seguimos rumo à barbárie.

"Tudo aponta para uma transformação, uma mudança social que é irrefreável. Estamos num momento de profunda instabilidade política, econômica e até de algumas noções de civilização que nos pautaram até aqui. Esse processo só se acelera com a pandemia porque na verdade já estávamos em crise há muito tempo. Já vínhamos de um processo de aprofundamento de desigualdade econômica, de profunda concentração de riqueza, acelerado processo de devastação do meio ambiente e de desprezo profundo pela vida humana. O desafio será pensar como conseguiremos estabelecer uma economia, uma relação com a natureza para tirarmos dela o que precisamos sem destruí-la e a nós mesmos. A pandemia é resultado de uma relação absolutamente nociva com a natureza. Também temos que produzir novas formas de composição política. A que temos hoje são insuficientes para permitir que controlemos o nosso próprio destino.

As coisas vão mudar profundamente, radicalmente, da economia até a educação. Tudo isso também tem levado a uma profunda miséria do ponto de vista subjetivo. As pessoas perderam horizonte de vida, a crença de que a humanidade pode ser melhor. Como devolvemos a esperança das pessoas no mundo? Sem esse sentimento seremos incapazes de engajar as pessoas num projeto de humanidade diferente desse.

Teremos que recomeçar a discutir um valor que vinha sendo rejeitado: a solidariedade como prática política, entender que a vida do outro é essencial para a minha também, temos que cuidar uns dos outros.

Naturalizamos a morte, o horror. Cem mil pessoas mortas por um mesmo motivo é só um número. Isso nunca aconteceu na história do Brasil e a nossa vida não parou. Assim como não paramos quando 60 mil pessoas morrem por ano, quando um jovem negro é morto na periferia. Há um processo contínuo de produção de um desejo de morte. Como produzimos um desejo de vida? Essa é a questão.

Ao mesmo tempo que a atual condição nos fragiliza, ela também abre espaço para olharmos para longe da fumaça produzida pela ideologia porque sentimos na pele a nervura do real. Nos leva a pensar que a única alternativa para continuarmos vivos é a mudança. Estamos profundamente paralisados, mas é nesse momento que as coisas se apresentam de forma que podemos organizar uma ação que seja transformadora".

"O novo normal e a sua nomeação está em disputa por nós"

Debora Diniz, antropóloga e professora da Universidade de Brasília, qualifica a experiência que estamos vivendo como desalento concreto e alegórico. "Concreto porque é uma doença que provoca o desalento, e alegórico porque é o desalento da esperança. Se vamos incorporar essa experiência à transformação de um novo alento, é isso que está em disputa agora e no pós-pandemia. Uma evidência de nova forma de alento é estarmos falando das desigualdades como nunca antes, a centralidade das desigualdades de renda, fragilização das populações mais vulneráveis, particularmente as mulheres, as perversidades do racismo, globalmente e em particular na sociedade brasileira. Aquilo que chamamos de normal tinha poderes de imunização para a dor do outro, permitia afastamentos nos quais a dor do outro não nos tocava. O novo normal e a sua nomeação está em disputa por nós: o quanto o racismo importa para essa nomeação, a desigualdade de classe, o trabalho e a economia do cuidado. Eu resistiria a chamar de 'novo normal' porque a normalização era a de formas injustas, da espoliação da vida".

"Estamos todos mais ou menos doentes, em estado de transição para uma hora que a vida vai começar de novo"

O psicanalista Christian Dunker acredita que dessa experiência pandêmica aprenderemos algo sobre a reconciliação. "O Brasil vinha de uma situação de divisão social, polarização discursiva e pauperização grande. Numa situação em que temos um inimigo externo, que pôs as pessoas com medo - e não de comunistas vermelhos, mas de morrer, de algo real - isso faz com que a gente se reorienta para aquilo que é importante: perder um parente, perder o trabalho. Ao se ver diante da cultura de escassez, você começa a lidar com as pessoas de maneira mais generosa e solidária, em geral", diz.

Christian aponta também para possíveis transtornos psíquicos agravados durante este período. Segundo ele, um levantamento feito pela UFRJ mostra que houve um aumento de 98% nos casos de ansiedade e depressão desde o início da pandemia. O psicanalista diz que o número de suicídios também pode ter crescido, embora os dados não estejam confirmados.

"Teremos aqueles que sairão como quem sai de um solitária: mais enlouquecidos, maltratados, violentados. Isso terá um lado perigoso da retomada. Acho que seremos todos mais hipocondríacos, numa situação interessante do ponto psíquico porque seremos convocados a duas tentações opostas: a saudade imensa da presença, do corpo do outro, dos afetos, dos lugares que já não lembramos mais, das situações que passaram a integrar o nosso imaginário perdido, e por outro lado o risco do outro perigoso, que transmite, que pode trazer a peste, fonte de uma insegurança básica. Terão desde reações xiitas, higienistas, securitárias, como naqueles filmes antigos que você encontrava um japonês numa ilha remota anos depois do fim da Segunda Guerra porque estava num estado de isolamento tal que o inimigo foi crescendo dentro da cabeça dele e está tomado por uma racionalidade defensiva, até aqueles que se abrirão para um novo início. Tivemos uma pausa na vida e no tempo do mundo, um período de convalescença, estamos todos mais ou menos doentes, em estado de transição para uma hora que a vida vai começar de novo. A pergunta é se ela vai começar daquele lugar inaceitável, insustentável de ocupação e aceleração em que estávamos, de guerra de todos contra todos, ou se vamos dar chance para um verdadeiro novo início. Cada qual estará em melhor ou pior condição para fazer essa escolha".

Sobre os efeitos do medo da morte, nossa e do próximo, com o qual todos convivem de forma mais próxima desde o início da crise, Christian explica que mais uma vez isso provoca processos psíquicos opostos: "Fomos

naturalizado os números, as regras de distanciamento, nos calejando, mas por outro lado fomos interrompidos por perdas reais, de pessoas e de planos, e estamos em contato mais próximo com a finitude. Em tese isso pode ser muito benéfico. A finitude era o momento para fazer filosofia para os antigos. Você quer pensar sobre a vida então se coloque em proximidade com a morte. Aí você tem algo a dizer sobre isso que te aconteceu. É um empuxo para a cultura, reflexão humanitária, solidariedade, reposicionamento das pessoas com relação ao mundo e aos seus próprios projetos e sonhos".

Link

original:

<https://revistamarieclaire.globo.com/Comportamento/noticia/2020/08/haver-a-um-novo-normal.html>